



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**KLEYLSON DOMINGOS DA SILVA**

**REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE ARTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR  
SCHOPENHAUER**

**CAMPINA GRANDE  
2019**

**KLEYLSON DOMINGOS DA SILVA**

**REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE ARTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR  
SCHOPENHAUER**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em Filosofia.

**Área de concentração:** Metafísica.

**Orientador:** Prof. Dr. Julio Cesar Kesting.

**CAMPINA GRANDE  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Kleylson Domingos da.  
Reflexões acerca do conceito de arte na filosofia de Arthur Schopenhauer [manuscrito] / Kleylson Domingos da Silva. - 2019.  
28 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. Julio Cesar Kesting , Departamento de Filosofia - CEDUC."  
1. Filosofia. 2. Filosofia alemã. 3. Arte. 4. Alento existencial. I. Título

21. ed. CDD 183

KLEYLSON DOMINGOS DA SILVA


REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE ARTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR  
SCHOPENHAUER


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.


Área de concentração: Metafísica.

Aprovada em: 24/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Julio Cesar Kesting (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Nilton Conserva de Arruda (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*A todos os seres que concebem a música  
não apenas como manifestação artística  
mas sim como uma extensão de si.*

“A música nunca expressa ou copia o fenômeno, mas unicamente a essência íntima, o Em-si de todos eles, a Vontade mesma”.

Arthur Schopenhauer

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>AS DUAS VIAS DE DETERMINAÇÃO DO MUNDO: REPRESENTAÇÃO E VONTADE</b> .....	<b>10</b>
2.1	Da representação: a primeira forma de percepção do mundo .....	11
2.2	Da vontade: a segunda forma de percepção do mundo.....	13
<b>3</b>	<b>A IDEIA COMO FORMA UNIVERSAL DA REPRESENTAÇÃO NA OBJETIVAÇÃO ARTÍSTICA</b> .....	<b>15</b>
3.1	O gênio e sua fluidez na concepção da obra de arte .....	17
<b>4</b>	<b>A HIERARQUIA DAS ARTES SCHOPENHAUERIANA</b> .....	<b>20</b>
4.1	A vontade em cada grau de sua objetivação.....	20
4.2	O primado da música sobre as belas artes .....	23
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>27</b>

## REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE ARTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Kleylson Domingos da Silva\*

### RESUMO

O presente trabalho intitulado *Reflexões acerca do conceito de arte na filosofia de Arthur Schopenhauer* tem como objetivo principal compreender como o filósofo alemão elabora sua concepção filosófica de arte. Para tal intuito, explicitaremos, primeiramente, os pressupostos conceituais que nos possibilitam compreender sua filosofia, a saber, abordaremos as duas dinâmicas de mundo na ótica schopenhaueriana, o mundo enquanto representação, como realidade dos fenômenos, e o mundo como vontade, o mundo na sua essência. Em seguida tentaremos entender como Schopenhauer aborda as ideias no sentido platônico como formas universais da representação na objetivação artística. Trataremos também a questão do gênio e sua fluidez em relação ao sublime e o belo na visão artística. Elencaremos ainda, gradativamente, os diferentes graus de objetividade da vontade, do nível inferior ao nível superior, demonstrando, por fim, a importância e o sentido que o autor de *O mundo como vontade e como representação* atribui à música em relação às outras manifestações de arte. A arte para Schopenhauer é um meio de facilitação para a contemplação das ideias, oferecendo ao indivíduo um alento existencial, uma superação momentânea do sofrimento e da dor.

**Palavras-chave:** Schopenhauer. Arte. Alento existencial.

### ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit mit dem Titel Reflexionen über das Konzept der Kunst in der Philosophie von Arthur Schopenhauer hat als Hauptziel zu verstehen, wie Schopenhauer seine Philosophische Konzeption der Kunst ausarbeitet. Zu diesem, zweck werden wir zuerst die Konzeptionellen Voraussetzungen erklären, nämlich die beiden Weltynamik in der Schopenhauerischen Optik, die Welt als Vortellung, als Wirklichkeit der Phänomene, und die Welt als Wille, die Welt in ihrem Wesen. Als nächstes werden wir versuchen zu verstehen, wie Schopenhauer die Idee im platonischen Sinne, dass heißt, als universelle Formen der Vorstellung, als Kunstobjekte in seine Philosophie konzepiert. Wir werden auch das Thema der unterschiedlichen Grade der Objektivität der Willen wird vorgeführt, vom niedrigeren zum höchsten Niveau. Endlich wird nachgewiesen, wie der Autor des Werkes Die Welt als Wille und Vorstellung die Musik zu den anderen Manifestationen der Kunst denkt. Die Kunst in der Philosophie von Schopenhauer ist ein Mittel der Erleichterung für die Betrachtung der Idee, bietet dem Einzelnen einen existentiellen Atemzug, eine Vorübergehende Überwindung von Leiden und Schmerz angesichts aller Tragik des Lebens, indem darin etwas über seine eigene Existenz offenbart wird.

**Schlüsselwörter:** Schopenhauer. Kunst. Existenzieller Atemzug.

---

\* Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. E-mail: silvakleylson@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

Arthur Schopenhauer (1788-1860) é indubitavelmente um dos grandes pensadores do século XIX, foi o primeiro pensador a abrir caminho para uma investigação filosófica e psicológica do inconsciente humano, influenciando grades nomes das Artes, da Literatura, da Filosofia e da Psicanálise tais como Richard Wagner, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Augusto dos Anjos e Machado de Assis. Seu sistema filosófico é composto por uma “coesão arquitetônica” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 19) que reúne em si metafísica, estética e ética.

A teoria estética acerca da arte, sobretudo o efeito direto que ela causa para a criação e modificação da identidade do sujeito cognoscente no mundo, exposta por Schopenhauer na terceira parte de sua obra principal *O mundo como vontade e como representação* (1819), revolucionou o pensamento artístico de sua época. Sendo assim, julgamos que uma investigação minuciosa para compreender como Arthur Schopenhauer expõe a sua teoria estética acerca da arte torna-se relevante.

Para delimitar nossa pesquisa, levamos em conta o significado de tragicidade que Schopenhauer dá ao mundo. Para o filósofo “TODA A VIDA É SOFRIMENTO” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 400). Assim, partindo do pressuposto que a existência humana é dor e sofrimento, fazemos a seguinte indagação: Como a teoria filosófica da arte schopenhaueriana proporciona ao indivíduo um alento existencial, tornando sua existência suportável e plena de significado?

Levando isto em consideração, o presente trabalho tentará, pois, compreender como Arthur Schopenhauer elabora sua concepção filosófica de arte. Tentaremos assim explicitar qual o discurso teórico que o autor de *O mundo como vontade e como representação*, apresenta com relação à arte no sentido de um alento existencial ao indivíduo, tornando sua existência suportável.

Para alcançarmos tais objetivos, na primeira sessão de nosso artigo faremos uma breve exposição acerca do sistema filosófico schopenhaueriano: explicitaremos os pressupostos conceituais que nos possibilitam compreender a teoria schopenhaueriana de arte, ou seja, abordaremos as duas dinâmicas de mundo vistas por Schopenhauer, o mundo enquanto representação, como realidade dos fenômenos conhecidos, e o mundo como vontade, o mundo na sua essência, que não pode ser conhecido pelo sujeito.

Em um segundo momento, tentaremos entender como Schopenhauer aborda as ideias no sentido platônico, como formas universais da representação na objetivação artística. Trataremos também a questão do gênio e sua fluidez em relação ao sublime e o belo na

concepção artística.

Na última etapa de nossa pesquisa apresentaremos a hierarquia schopenhaueriana das artes de acordo com cada grau de objetivação da vontade, ou seja, elencaremos gradativamente os diferentes graus de objetividade da vontade; argumentaremos também acerca da importância e do sentido que o filósofo concede a música na sua concepção artística.

Para Schopenhauer a arte é um meio de facilitação para a contemplação das ideias; mas esta, por sua vez, só tem sentido ao humano quando revela a ele algo sobre sua própria existência. Neste sentido, é possível ao indivíduo ter um alento existencial diante de todo o sofrimento existente no mundo, diante de toda tragicidade da vida.

Nossa pesquisa se desenvolveu no âmbito de investigação teórica e teve como ponto central as obras *O mundo como vontade e como representação* e *Metafísica do Belo* de Arthur Schopenhauer, além de algumas referências bibliográficas secundárias selecionadas, as quais achamos indispensáveis para a realização deste trabalho.

Após essa breve introdução, teceremos a partir de agora nossas reflexões acerca do conceito de arte schopenhaueriano. Para tanto, iniciaremos abordando as duas vias de percepção de mundo sob ótica do filósofo.

## **2 AS DUAS VIAS DE DETERMINAÇÃO DO MUNDO: REPRESENTAÇÃO E VONTADE**

Como nos diz Janaway (2003, p. 25), “o pensamento filosófico de Schopenhauer é de mais fácil apreensão se antes se perceber o fio condutor que o percorre de ponta a ponta. Trata-se da distinção, que ele encontra em Kant, entre aparência e Coisa-em-si.” A aparência é conhecida por nós empiricamente, através dos nossos sentidos, ou seja, como representação, o mundo como realidade dos fenômenos; já a Coisa-em-si kantiana pode ser definida como sendo a realidade que não pode ser conhecida pela experiência, o mundo na sua essência, em outras palavras, aquilo que transcende às possibilidades do nosso conhecimento, enquanto representação. A Coisa-em-si é para Schopenhauer a Vontade.

[...] a distinção aparência/Coisa-em-si constitui o fio condutor da filosofia de Schopenhauer: ora. “o mundo como representação” é aquilo que faz parte do lado da aparência dessa linha divisória, enquanto “o mundo como vontade” é a Coisa-em-si (JANAWAY, 2003, p. 41).

A dualidade entre Representação e Vontade permeia toda obra *O mundo como vontade e como representação*. Sendo assim, podemos conhecer o mundo de duas maneiras: de um lado este é “inteiramente REPRESENTAÇÃO [...] de outro, inteiramente VONTADE” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 45).

Considerando tais argumentações, podemos inferir que Representação e Vontade seriam para Schopenhauer os dois conceitos fundamentais que nos possibilitariam o conhecimento do mundo. Torna-se evidente para nós a necessidade de apresentação e entendimento desses dois conceitos. Dito isto, faremos agora a exposição destes, isto é, apresentaremos resumidamente o mundo como representação e o mundo como vontade segundo a concepção filosófica de Schopenhauer.

## 2.1 Da representação: a primeira forma de percepção do mundo

Na primeira parte de *O mundo como vontade e como representação*, sua obra de maior relevância, Schopenhauer relaciona diretamente o conceito de mundo com aquele de sujeito cognoscente, desenvolvendo e apresentando detalhadamente, uma das duas teses centrais que fundamentam todo seu sistema filosófico, qual seja, o conceito de mundo enquanto representação.

“O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43). Este é um dado de fato inquestionável para Schopenhauer, pois para ele, não existe, primeiramente, a realidade em si, mas apenas a realidade das representações. O mundo em sua totalidade, isto é, todo mundo existente, existe enquanto mero objeto a um sujeito pensante, a um sujeito que o representa. Diz Schopenhauer:

Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. Que o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo [...] Verdade alguma é, portanto mais certa mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro é tão somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra representação (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

Para o filósofo, o mundo enquanto representação é para o sujeito cognoscente, a primeira forma de percepção do mundo. E essa representação tem por “forma primeira e mais essencial a divisão em objeto e sujeito” (BARBOZA, 2001, p. 16). A relação sujeito-objeto está na base do mundo como fenômeno e é válida para toda e qualquer experiência. Toda experiência

possível e imaginável do mundo sempre é dada como representação para uma consciência que o representa, para um sujeito que a intui. Portanto “o mundo é aquilo que se apresenta à experiência do sujeito” (JANAWAY, 2003, p. 42).

Neste sentido, Schopenhauer apenas observa o mundo enquanto objeto para uma consciência pensante e não como ele é em si, evidenciando a representação e não o sujeito ou o objeto como princípio primeiro de sua teoria do conhecimento, embora, como dito, essa correlação entre o sujeito e o objeto, seja necessária para a compreensão da sua perspectiva de mundo e indispensável para o conhecimento.

Na teoria do conhecimento schopenhaueriano, o sujeito então é aquele que sempre e somente conhece e nunca é conhecido ou torna-se representação, pois tudo o que existe, existe para ele, sendo desta maneira incapaz de conhecer a si mesmo. Seu corpo, isto é, onde o sujeito está contido, é tido como objeto, mas não um objeto qualquer, mas um objeto imediato, regido pelo princípio de razão, espaço e tempo, sendo, portanto passível de ser compreendido como uma representação. Segundo nosso autor:

Aquele que tudo conhece, mas não é conhecido por ninguém é o SUJEITO. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece de todo objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito. Cada um encontra-se a si mesmo como esse sujeito, todavia, somente na medida em que conhece, não na medida em que é objeto do conhecimento [...] o corpo é objeto entre objeto e está submetido à lei deles, embora seja objeto imediato. Ele encontra-se, como todos os objetos da intuição, nas formas de todo conhecimento, no tempo e no espaço, mediante os quais se dá a pluralidade. O sujeito, entretanto, aquele que conhece e nunca é conhecido, não se encontra nessas formas, que, antes, já o pressupõem. Ao sujeito, portanto, não cabe pluralidade nem seu oposto, unidade (SCHOPENHAUER, 2005, p.45-46).

Devemos ressaltar também que, ao fazer uso do princípio de razão, para melhor sedimentar sua teoria do conhecimento, Schopenhauer, utiliza termos já contidos na filosofia transcendental kantiana, presentes na obra *Crítica da Razão Pura* (1781), isto é, os conceitos *a priori*<sup>1</sup> da sensibilidade, espaço e tempo “formas puras da intuição sensível” (KANT, 1994, p. 63), que possibilitam nosso conhecimento do mundo.

Schopenhauer utiliza também de mais uma categoria *a priori* como condição para o entendimento, a causalidade, considerada por ele como sendo a própria essência da matéria em sua relação de causa e efeito. O “ser da matéria é seu fazer-efeito” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 50). Em seu fazer efeito a causalidade ou matéria seria o elo entre espaço e tempo.

---

<sup>1</sup> *A priori* é para Kant, o elemento formal que fundamenta todos os graus do conhecimento, ele condiciona qualquer conhecimento, tanto sensível quanto intelectual, pois no domínio da Vontade e do sentimento já subsistem elementos *a priori*. (CF. ABBAGNANO, 2007, p. 77).

Segue ainda que Schopenhauer realiza uma distinção entre representações intuitivas e representações abstratas. As representações intuitivas corresponderiam ao nosso entendimento das coisas dispersas no mundo, ou seja, é através das representações intuitivas que o sujeito do conhecimento tem um entendimento da causalidade das coisas, uma compreensão da matéria, da realidade do mundo no tempo e no espaço. As representações abstratas, por sua vez, “constituem apenas UMA classe de representações, os conceitos que são [...] propriedade exclusiva do homem, cuja capacidade para formulá-los os distingue dos animais” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 47). Dito com outras palavras é justamente pelas representações abstratas, pela razão, que o homem é capaz de idealizar o futuro, tendo consciência de sua mortalidade e finitude, e isso o diferencia dos animais.

## 2.2 Da vontade: a segunda forma de percepção do mundo

No livro segundo de *O mundo como vontade e como representação* Arthur Schopenhauer mergulha diretamente no enigma que move o sujeito no mundo, reflete sobre o em-si das coisas, sobre a força vital que move o indivíduo; vai além do mundo externo, das representações, investiga o mundo em sua essência, isto é, apresenta a segunda via de determinação do mundo em sua filosofia, o mundo como Vontade.

[...] o que agora nos impele à investigação é justamente não mais estarmos satisfeitos em saber que possuímos tais e tais representações, conectadas conforme estas e aquelas leis, cuja expressão geral é sempre o princípio de razão. Queremos conhecer a significação dessas representações. Perguntamos se este mundo não é nada além de representação, caso em que teria de desfilar diante de nós como um sonho inessencial ou um fantasma vaporoso, sem merecer nossa atenção. Ou ainda se é algo [...] que o complementa, e qual sua natureza [...] DE FORA jamais se chega à essência das coisas. Por mais que se investigue, obtêm-se tão-somente imagens e nomes. Assemelhamo-nos a alguém girando em torno de um castelo debalde procurando sua entrada, e que de vez em quando desenha as fachadas (SCHOPENHAUER, 2005, p.155-156).

Para Schopenhauer, a Vontade ou a Coisa-em-si, é algo que é pré-existente ao sujeito, ela é o único elemento permanente e invariável, a raiz metafísica do mundo e a fonte de todo o sofrimento. Ao “sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo, [...] fornece-lhe a chave para seu próprio fenômeno” (SCHOPENHAUER, 2005, p.156-157). A vontade é o mundo na sua essência, não pode ser conhecida pelo sujeito, logo não pode ser representada. Todavia, pode ser reconhecida nas multiplicidades das representações onde se objetiva. É experimentada individual e unicamente no corpo, não se submetendo as leis do princípio de razão e todas as suas figuras, quais sejam, espaço, tempo e causalidade. Conforme isto:

[...] a vontade como Coisa-em-si encontra-se fora do domínio do princípio de razão e de todas as suas figuras, e, por conseguinte, é absolutamente sem fundamento, embora cada um de seus fenômenos esteja por inteiro submetido ao princípio de razão. Ela é, pois, livre de toda PLURALIDADE, apesar de seus fenômenos no espaço e no tempo serem inumeráveis. Ela é uma, todavia não no sentido de que um objeto é uno, cuja unidade é reconhecida apenas em oposição à pluralidade possível, muito menos é uma como um conceito, cuja unidade nasce apenas pela abstração da pluralidade; ao contrário, a vontade é uma como aquilo que se encontra fora do tempo e do espaço, exterior ao princípio individuationis, isto é, da possibilidade da pluralidade (SCHOPENHAUER, 2005, p. 171-172).

Todavia, o sujeito quando se identifica como indivíduo e vivencia os diferentes fenômenos do mundo por intermédio de seu corpo, tem uma dupla experiência dos fenômenos que o cercam; como Representação na intuição e imediatamente como Vontade. Portanto, o corpo é objeto da intuição, ele se objetiva nos múltiplos fenômenos do mundo, ou seja, torna-se porta de entrada para o conhecimento do mundo como Vontade e como Representação. Nos dizeres de Schopenhauer; “o corpo inteiro não é nada mais senão a vontade objetivada, que se tornou representação [...] a vontade é o conhecimento *a priori* do corpo, e o corpo é o conhecimento *a posteriori* da vontade” (SCHOPENHAUER, 2005, p.157).

Nesse sentido, Schopenhauer afirma que o fazer efeito e o conhecimento da essência que temos dos fenômenos do mundo se manifestaria de modo duplo apenas dado ao nosso corpo, isto é, seria “uma chave para a essência de todo o fenômeno na natureza” (SCHOPENHAUER, 2005, p.162). O corpo humano então no sentido em que Schopenhauer nos mostra, constantemente se mostra nas objetivações em um fazer efeito da Vontade; devemos sempre com o auxílio de nossa reflexão reconhecer esse fazer efeito. Schopenhauer observa que:

Esse emprego da reflexão é o único que não nos abandona no fenômeno, mas através dele, leva-nos à COISA-EM-SI. Fenômeno se chama representação, e nada mais. Toda representação, não importa seu tipo, todo OBJETO é FENÔMENO. COISA-EM-SI, entretanto, é apenas a Vontade. Como tal não é absolutamente representação, mas *toto genere* diferente dela. E a partir daquela que se tem todo objeto, fenômeno, visibilidade, OBJETIDADE. Ela é o mais íntimo, o núcleo de cada partícula, bem como do todo. Aparece em cada força da natureza que faz efeito cegamente, na ação ponderada do ser humano: se ambas diferem, isso concerne tão-somente ao grau da aparição, não à essência do que aparece (SCHOPENHAUER, 2005, p.168-169).

Sob essa perspectiva, torna-se necessário destacar que: “A essência em si [...] está presente no todo e indivisa em cada coisa da natureza, em cada ser vivo” (SCHOPENHAUER, 2005, p.190), e conforme isto, o ato de tentarmos conhecer e compreender perfeitamente a essência de cada coisa particular no mundo, só nos é possível mediante a ideia dessa coisa em

sua totalidade, intuitivamente, através da Vontade refletida, isto é, através dos diferentes graus de objetivação da Vontade, pois, “o único autoconhecimento da Vontade no todo é a representação no todo, a totalidade do mundo intuído” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 231-232).

### **3 A IDEIA COMO FORMA UNIVERSAL DA REPRESENTAÇÃO NA OBJETIVAÇÃO ARTÍSTICA**

Após termos exposto as duas vias de percepção do mundo na filosofia schopenhaueriana, quais sejam, o mundo como representação, “objeto para um sujeito” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 235) e o mundo como vontade, “única coisa que o mundo revela para além da representação [...] a Coisa-em-si” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 235). Passaremos agora, nas reflexões que se seguem, a entender como Arthur Schopenhauer relaciona as ideias no sentido platônico como formas universais de representação na objetivação artística.

Schopenhauer em seu sistema filosófico faz uso do modelo platônico das ideias, bem como da Coisa-em-si kantiana com a finalidade de não “conhecer a Coisa-em-si em sua pureza, o que é impossível, mas em conhecer os padrões intemporais das coisas que podem ser objetos de nossa experiência” (JANAWAY, 2003, p. 63), isto é, ele concebe as ideias, assim como Platão, em eternas e imutáveis, longe de pluralidade ou mudanças como formas universais de representação.

Em Platão encontramos a existência de dois mundos, um mundo das ideias e o mundo das aparências. O primeiro corresponde ao do verdadeiro ser, o da essência das representações, onde as ideias seriam imutáveis e não sofreriam a ação do devir, nele encontramos “o modelo permanente de cada coisa sensível” (KESTERING, 2015, p. 16). O segundo corresponde ao mundo das sombras e ilusões, onde não se poderia enxergar as coisas com clareza, apenas suas formas e nunca o seu conteúdo; seriam portanto “arquétipos brilhosos dos éctipos ensombrecidos da finitude temporal” (BARBOZA, 2001, p. 56); estas seriam para Platão apenas cópias das originais, nunca elas mesmas.

Nesse véis o autor de *O mundo como vontade e como representação* estabelece as concordâncias e diferenças entre ideia platônica, chamada por ele objetividade e Coisa-em-si, denominada como Vontade.

[...] a Idéia e a Coisa-em-si não são absolutamente uma única e mesma coisa. Antes, a Idéia é para nós apenas a objetividade imediata e por isso adequada da Coisa-em-si, esta sendo precisamente a VONTADE, na medida em que ainda não se objetivou, não

se tornou representação [...] Por conseguinte, só a ideia é a mais ADEQUADA OBJETIDADE possível da Vontade ou Coisa-em-si, apenas sobre a forma da representação: aí residindo o fundamento para a grande concordância entre Platão e Kant (SCHOPENHAUER, 2005, p. 241-242).

O surgimento perene da ideia como objetivação da Vontade para um sujeito cognoscente constituiria, portanto, na ótica schopenhaueriana, um elo entre vontade e objetivação “um grau superior de conhecimento” (KESTERING, 2015, p. 17), o que resultaria na não servidão do conhecimento perante a vontade, uma transição dos conhecimentos das coisas comuns para o conhecimento da ideia, numa exceção que “ocorre subitamente” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 245) pela contemplação artística.

Assim sendo, Schopenhauer na terceira parte de sua obra principal *O mundo como vontade e como representação*, evidencia a ideia como objeto da arte. A ideia em cada grau de objetividade<sup>2</sup> da Vontade é a manifestação mais completa e adequada da Vontade em relação à essência dos fenômenos do mundo. Diz o autor:

[...] qual modo de conhecimento considera unicamente o essencial propriamente dito do mundo, alheio e independente de toda relação, o conteúdo verdadeiro dos fenômenos, não submetido a mudança alguma e, por conseguinte, conhecido com igual verdade para todo tempo, numa palavra, as IDÉIAS, que são a objetividade imediata e adequada da Coisa-em-si Vontade? – Resposta: é a ARTE, a obra do gênio. Ela repete as Idéias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente dos fenômenos do mundo, que, conforme o estofo em que é repetido, expõe-se como arte plástica, poesia ou música. Sua única origem é o conhecimento das Idéias, seu único fim é a comunicação deste conhecimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p.253).

Nesse sentido, o belo se relaciona com o mundo das ideias platônicas e a arte então se define “COMO O MODO DE CONSIDERAÇÃO DAS COISAS INDEPENDENTE DO PRINCÍPIO DE RAZÃO” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 254) onde o único fim da arte seria comunicar o conhecimento das ideias, e a experiência da contemplação artística, revelar algo sobre a própria existência humana. Destarte, é nesse momento quando a ideia de Vontade como Coisa-em-si se distinguem de seus diferentes graus de objetividade das coisas do mundo que apreendemos o todo da ideia, por conseguinte, contemplamos a essência da arte.

Assim a contemplação estética para Schopenhauer é uma via de conhecimento direta da essência das coisas do mundo, da Vontade, enquanto não interessada. Pois, apenas quando o sujeito perde-se em si próprio, no ato de contemplação de uma ideia, é que sua individualidade

---

<sup>2</sup> Objetividade, termo criado por Schopenhauer para designar a objetivação do ser em si, isto é, da Vontade, opondo-se a objetivação no mundo dos fenômenos. (CF. LEFRANC, 2005, p. 230).



momentaneamente desaparece e ocorre à conexão direta entre quem intui e o que é intuído, ambos torna-se um. Sobre isso, reflete Schopenhauer (2005, p. 246),

Quando, elevados pela força do espírito, abandonamos o modo comum de consideração das coisas, cessando de seguir apenas suas relações mútuas conforme o princípio de razão, cujo fim último é sempre a relação com a própria vontade [...] quando não mais consideramos o Onde, o Quando, e o Porquê e o Para Quê das coisas, mas única e exclusivamente o seu Quê [...] o pensamento abstrato, os conceitos da razão não mais ocupam a consciência mas, em vez disso, todo o poder do espírito é devotado à intuição e nos afunda por completo nesta, a consciência inteira sendo preenchida pela calma contemplação do objeto natural que acabou de se apresentar [...] a gente se PERDE por completo nesse objeto [...] esquece o próprio indivíduo, o próprio querer, e permanece apenas como claro espelho do objeto – então é como se apenas o objeto ali existisse, sem alguém que o percebesse, e não se pode mais separar quem intui da intuição, mas ambos se tornaram unos, na medida em que toda a consciência é integralmente preenchida e assaltada por uma única imagem intuitiva. Quando, por assim dizer, o objeto é separado de toda relação com algo exterior a ele e o sujeito de sua relação com a Vontade, o que é conhecido não é mais a coisa particular enquanto tal, mas a IDÉIA, a forma eterna, a objetividade imediata da Vontade neste grau. Justamente por aí, ao mesmo tempo, aquele que concebe na intuição, e sim o atemporal PURO SUJEITO DO CONHECIMENTO destituído de Vontade e sofrimento.

Portanto, é exatamente nesse ato contemplativo de uma ideia que a metamorfose do sujeito acontece, ele então torna-se sujeito puro do conhecimento e perde-se no todo da ideia contemplada, ou seja, o sujeito objetiva-se na arte, se torna protagonista do mundo em si e esquece o próprio querer: “conhecer os objetos significa representá-los; conhecer uma ideia, ao contrário, significa contemplá-la” (KESTERING, 2015, p. 17).

Nessa esteira de pensamentos, Schopenhauer afirma que é o gênio pela sua genialidade que, através de sua arte, nos possibilita um acesso à intuição de uma ideia. Na figura do gênio Schopenhauer vê a porta de entrada mais adequada à relação entre a intuição e a ideia. Sendo a arte obra do gênio, passemos, pois, agora a realizar uma investigação a respeito da noção do gênio na ótica schopenhaueriana.

### **3.1 O gênio e sua fluidez na concepção da obra de arte**

Para Schopenhauer, toda ideia genial parte do princípio de um completo esquecimento da individualidade de quem intui, de um esquecimento da própria individualidade, que é aquela do gênio. Isto é, o gênio vai além de sua Vontade individual, livra-se de seu querer e interesse, tornasse puro sujeito que conhece e reflete a essência do mundo com sua arte.

Neste sentido é que o gênio, por intermédio de sua capacidade puramente objetiva, isto é, por sua genialidade ao produzir uma bela obra de arte, nos conduz a uma contemplação pura

e desinteressada do mundo, nos conduz ao todo da ideia de um objeto, pois, “apenas pela pura contemplação [...] a dissolver-nos completamente no objeto é que as idéias são apreendidas” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 254), revelando-nos em cada obra genial o elemento intuitivo que nos possibilita mesmo que momentaneamente, acessarmos a essência das coisas do mundo.

Portanto, o gênio diferentemente do indivíduo comum teria uma maior facilidade em perder-se na intuição de uma ideia desinteressadamente, isto é, se desvencilhar do seu querer, do impulso cego da Vontade, agindo puramente de maneira intuitiva, manifestando sua essência no ato contemplativo da ideia de um objeto, pois, “a essência do GÊNIO consiste justamente na capacidade preponderante para tal contemplação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 254).

O gênio comunica toda a sua genialidade em obras de artes magistrais, reproduzindo puramente a ideia essencial das coisas do mundo, independente do princípio de razão, ou seja, o gênio esquece sua individualidade, tornasse puro sujeito que conhece e atua como facilitador do conhecimento da essência dos fenômenos do mundo.

[...] segue-se que a GENIALIDADE nada é senão a OBJETIVIDADE mais perfeita, ou seja, orientação objetiva do espírito, em oposição à subjetiva que vai de par com a própria pessoa, isto é, com a vontade. Por conseqüência, a genialidade é a capacidade de proceder de maneira puramente intuitiva, de perde-se na intuição e afastar por inteiro dos olhos o conhecimento que existe originariamente apenas a serviço da // Vontade – ou seja, de seu interesse, querer e fins –, fazendo assim a personalidade ausentar-se completamente por um tempo, restando apenas o PURO SUJEITO QUE CONHECE, claro olho cósmico (SCHOPENHAUER, 2005, p. 254).

Sob essa perspectiva então, na ótica schopenhaueriana, o gênio assumiria nitidamente uma postura neutra em relação ao princípio de razão, ele estaria longe de toda a relação com seu querer individual, atendo-se apenas ao conhecimento intuitivo da ideia, isto é, ao conhecimento da ideia da realidade do mundo, ao puro conhecimento do mundo que o cerca, expondo-o em obras de artes grandiosas.

Na perspectiva filosófica schopenhaueriana, a ausência do sofrimento no mundo, a exceção de toda dor que a vida proporciona, ao menos por um instante, apenas é possível se procurarmos a essência das coisas longe do domínio de nosso querer. Por meio da arte, na contemplação do belo que nos é dada essa possibilidade, pois “o que nos tira do conhecimento das meras relações que servem à vontade, pondo-nos no estado de contemplação estética, para assim nos elevar a puro sujeito do conhecer destituído de Vontade, é simplesmente o BELO” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 273). Ademais o sentimento do belo se identifica com aquele do sublime. Schopenhauer não apenas formula uma identidade entre esses dois sentimentos, mas também os diferencia: no belo o conhecimento puro desprende-se sem luta e inconscientemente

da vontade e no sublime o conhecimento puro se liberta consciente e violentamente das relações com o objeto, elevando-se acima da Vontade.

Sendo assim, mesmo a existência humana sendo totalmente dotada de sofrimento e dor, podemos ter um engrandecimento da vida, um alento existencial momentâneo, através das diversas manifestações artísticas, as quais são produzidas com tamanha sensibilidade e genialidade pelo artista, que não só o preenche de entusiasmos, mas impressiona, proporcionando ao mesmo um estado de sublimidade, fazendo-o esquecer a trágica realidade do mundo e tornando-o pleno de significado.

A fruição do belo, o consolo proporcionado pela arte, o entusiasmo do artista que faz esquecer a penúria da vida, essa vantagem do gênio em face de todos os outros homens, única que o compensa pelo sofrimento que cresce na proporção de sua clarividência e pela mesma solidão em meio a uma multidão humana tão heterogênea – tudo isso se deve [...] ao fato de que o Em-si da vida, a Vontade, a existência mesma, é um sofrimento contínuo, e em parte lamentável, em parte terrível; o qual, todavia, se intuído pura e exclusivamente como representação, ou repetido pela arte, livre de tormentos, apresenta-nos um teatro pleno de significado. Esse lado do mundo conhecido de maneira pura, bem como a repetição dele em alguma arte, é elemento do artista. Ele é cativado pela consideração do teatro da objetivação da Vontade (SCHOPENHAUER, 2005, p. 349-350).

Schopenhauer enxerga em sua filosofia na contemplação estética da ideia do belo uma via direta do conhecimento da essência da natureza do mundo uma forma privilegiada do conhecimento do todo da Ideia, um conhecimento puro, que nos possibilita momentaneamente uma fuga deste estado existencial de dor e sofrimento. Pois,

O sujeito, ao contemplar a natureza de modo puro pode fluir desinteressadamente o seu conteúdo. Neste instante, tem acesso a outro tipo de realidade, para além dos fenômenos. O objeto de sua contemplação destaca-se da torrente fugida das coisas e se torna um representante do todo [...] o intelecto se sobressai sobre o querer, e o conhecimento, antes a serviço de interesses pessoais, torna-se livre e desinteressado (BARBOZA, 2003, p. 38-39).

Deste modo, ao adentrar neste estado de intuição pura, o sujeito cognoscente, imerge em um estado de negação do querer e o belo intuído da coisa se desvela, isto é, o todo da Ideia do objeto contemplado se revela ao indivíduo que o conhece, e a essência impressa na obra de arte tornasse evidente. Segue-se assim então, que “o conhecimento do belo supõe sempre, inseparável e simultaneamente o puro sujeito que conhece e a ideia conhecida como objeto” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 286). Neste estado de sublimidade a essência do homem flui puramente, independentemente de seu querer.

## 4 A HIERARQUIA DAS ARTES SCHOPENHAUERIANA

Até o momento, nas reflexões que foram feitas, explicitamos as duas dinâmicas de conhecimento que podemos ter do mundo na ótica schopenhaueriana, a perspectiva do mundo como representação e como vontade, bem como, estabelecemos relação entre as ideias no sentido platônico, como forma universal da representação na objetivação artística; ademais, abordamos a questão do gênio e sua fluidez em relação ao sublime e o belo na concepção da obra de arte.

Para Schopenhauer a objetivação adequada da vontade é a ideia, apresentada no sentido contemplativo pela arte, pela obra do gênio, isto é, toda manifestação de arte se apresenta naturalmente na clarividência do artista e que a manifesta em diferentes graus.

Neste sentido, podemos inferir que as ideias formam uma hierarquia de graus inferiores e superiores de objetivação da vontade, isto é, a objetivação da vontade pode ser expressa em diferentes graus. Dito isto, nesta sessão apresentaremos então a hierarquia das artes schopenhaueriana de acordo com cada grau de objetivação da vontade, ou seja, elencaremos então gradativamente os diferentes graus de objetividade da vontade, do nível inferior ao nível superior.

Na hierarquia das artes de Schopenhauer a arquitetura e a hidráulica artística são os graus inferiores da objetividade da Vontade seguidos pela jardinagem, pintura de paisagens, pintura e esculturas de animais, pintura histórica, escultura humana e, finalmente poesia. A tragédia para o autor de *O mundo como vontade e como representação*, possui grande importância devido à trágica existência humana que na visão dele se caracteriza como dor e sofrimento. Todavia, para Schopenhauer nenhuma dessas belas artes citadas possui mais perfeita objetivação da vontade do que a música. A música não copia os fenômenos do mundo, mas ela é a essência de todos eles, “é a linguagem direta e imediata do Em-si” (BARBOZA, 2001, p. 126), ou seja, ela é a Vontade mesma.

Dito isto, passemos, pois agora a elencar a vontade em cada grau de sua objetivação; ou seja, passaremos a evidenciar “a hierarquia das artes que é ao mesmo tempo uma hierarquia das ideias” (LEFRANC, 2005, p. 199).

### 4.1 A vontade em cada grau de sua objetivação

A arquitetura é para Schopenhauer a bela arte que possui o grau mais baixo de objetividade da Vontade; nela há uma manifestação intensa de um conflito constante entre gravidade e

rigidez, refletido no embate da Vontade consigo mesma. Dito mais precisamente, Schopenhauer enxerga na natureza arquitetônica uma tensão entre dois elementos da qualidade da matéria, quais sejam, gravidade e resistência, que perante a luz refletida revelam o esplendor e a beleza da essência de suas composições. Conforme Schopenhauer:

Se agora, consideramos a ARQUITETURA simplesmente como bela arte, abstraída de sua determinação para fins utilitários nos quais ela serve à Vontade, não ao puro conhecimento e, portanto, não é mais arte em nosso sentido, então não lhe podemos atribuir nenhum outro fim senão aquele de trazer para a mais nítida intuição algumas das Idéias que são os graus mais baixos de objetividade da Vontade, a saber, gravidade, coesão, rigidez, dureza, qualidades universais da pedra, essas primeiras, mais elementares, mais abafadas visibilidades da Vontade, tons baixos da natureza, e, entre elas, a luz, que em muitos aspectos é o oposto delas [...] nesses graus mais baixos de objetividade da Vontade vemos a sua essência manifestar-se em discórdia, pois a luta entre gravidade e rigidez é propriamente o único tema estético da bela arquitetura (SCHOPENHAUER, 2005, p. 288).

Schopenhauer é ciente de que a arquitetura tem muito pouco a oferecer como arte contemplativa das ideias da humanidade em si, pois o equilíbrio entre o que mantém as construções arquitetônicas erguidas e a força que se opõem a essas edificações é propriamente a única coisa que proporciona um estado contemplativo ao sujeito. Essa é a razão que o faz colocá-la na base de sua pirâmide hierárquica das artes.

A hidráulica artística encontra seu lugar nessa hierarquia das artes, situada também no alicerce dessa pirâmide. Similarmente a arquitetura, a hidráulica artística no sentido que expõe Schopenhauer, apenas oferece um mínimo de ideia contemplativa, mas, não no sentido de rigidez que as estruturas arquitetônicas possuem, e sim pelo seu oposto, pela mobilidade e fluidez que a compõe: “o que a arquitetura realiza para a Idéia de gravidade onde está aparece vinculada à rigidez, isso o realiza a bela hidráulica para a mesma Idéia quando ela aparece vinculada à fluidez” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 292). Essa mobilidade e fluidez são perceptivelmente visíveis nas belas fontes dos parques, cascatas e espelhos d’água, que com sua beleza e esplendor impressionam aqueles que os contemplam.

A bela jardinagem se encontra em um grau mais elevado e “corresponde à natureza vegetal” (LEFRANC, 2005, p. 199), sendo dependente quase e exclusivamente da variedade dos objetos que compõem a natureza, pois não possui domínio de seu material. Para Schopenhauer um belo jardim é aquele que tem naturalidade em sua composição, ou seja, é aquele que encanta espontaneamente a quem o contempla, através de uma sucessão harmônica das diferentes partes que o compõe, sem quase modificar a natureza que o precede.

Na pintura de paisagens, que se encontra bem ao lado da jardinagem, temos também o belo da natureza como possibilidade de contemplação, nela o reino vegetal é objeto da arte na

medida em que oferece ao artista a possibilidade de captar em sua obra a predominante e profunda tranquilidade da natureza, o que leva-nos a alcançar um completo silêncio da Vontade diante de nossa satisfação estética.

A pintura e a escultura de animais encontram-se, em um grau mais elevado do que as demais artes já citadas, elas replicam os animais não apenas em suas formas, mas, na espontaneidade de seu agir, o que coloca o reino animal a frente do reino vegetal. Deste modo Schopenhauer afirma que, “no que se refere aos animais o característico é muito mais significativo e se exprime não somente em figuras, mas em ações, posições, gestos, embora sempre apenas como caráter da espécie” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 294), o que justamente demonstra a naturalidade e a ideia da essência dos animais.

Seguindo a ordem de graus artísticos, desenvolvidos por Schopenhauer, encontramos, acima da pintura e escultura de animais, a pintura histórica e a escultura humana, que “a alegria com o belo alcança graus quase inenarráveis, porque se trata da objetividade a mais perfeita e adequada possível da Vontade, a idéia de humanidade” (BARBOZA, 2001, p. 103); e por se tratar de representações da ideia de humanidade a pintura e a escultura humana atraem o indivíduo que as contemplam ao seu estado mais puro, fazendo com que ele conheça e aprenda algo sobre sua própria existência, ou seja, medo, coragem, esperança, alegria, angústia, dor.

Todavia, tanto a escultura quanto a pintura são artes estáticas, elas demonstram a essência da humanidade em determinado aspecto, por tal característica a escultura e a pintura não atingem o topo da pirâmide hierárquica das artes schopenhaueriana.

No ápice dessa pirâmide hierárquica das artes, encontramos então a arte poética, que “exprime a Idéia de absolutamente qualquer coisa deste mundo, mas que reina suprema no retratar os diversos caracteres e ações da humanidade” (JANAWAY, 2003, p. 102), ou seja, a poesia objetiva a ideia da humanidade, em seus conflitos, fantasias e dramas, a vida humana e suas relações.

Para Schopenhauer o poeta é “o espelho da humanidade, e traz à consciência dela o que ela sente e pratica” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 329), isto é, reflete genuinamente o íntimo da humanidade. Sejam líricas épicas ou dramas a arte poética reflete o caráter sublime ou ordinário do homem com propriedade,

Dentre todos os gêneros poéticos, a tragédia, na ótica Schopenhaueriana, seria o mais elevado deles, pois representa a luta da Vontade com ela mesma, é a mais objetiva e perfeita retratação do mundo que nos cerca, a mais perfeita retratação do sofrimento e da tragicidade que é a existência. Conforme podemos constatar, segundo a afirmação de Machado (2006, p.183),

[...] a tragédia é para Schopenhauer a pintura geral da natureza e da existência humana. Essa pintura é o espetáculo de um grande infortúnio, a apresentação da catástrofe trágica, a exibição do lado terrível da existência, os horrores da cena representando a insignificância da vida, o nada de todas as aspirações [...] a tragédia, “o mais elevado dos gêneros poéticos”, “forma superior do gênio poético”, tem como objetivo mostrar, com proporção e clareza, no mais alto grau da objetivação da vontade, a luta da vontade consigo mesma, com todo o pavor desse conflito, descrevendo os sofrimentos humanos.

Tendo elencado os graus de objetivação da Vontade, na pirâmide hierarquia das artes schopenhaueriana, passemos agora a dissertar a respeito da arte que “expressa a essência verdadeira de todas as possíveis aspirações e disposições humanas” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 234), isto é, passemos agora a elucidar o sentido de primazia que a música possui sobre as outras expressões artísticas na filosofia de Schopenhauer.

#### **4.2 O primado da música sobre as belas artes**

A música não está incluída na pirâmide hierárquica da arte schopenhaueriana, ela recebe um destaque maior sobre as outras belas artes, pois “ultrapassa as Idéias e também é completamente independente do mundo fenomênico” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 338), isto é, na concepção de Schopenhauer, a arte musical seria totalmente independente do mundo enquanto representação, do mundo das aparências, não sendo mera exposição de cópias de ideias.

Conhecemos nela não a cópia, repetição de alguma Idéia das coisas do mundo. No entanto, é uma arte a tal ponto elevada e majestosa, que é capaz de fazer efeito mais poderoso que qualquer outra no mais íntimo do homem, sendo por inteiro e tão profundamente compreendida por ele, como se fora uma linguagem universal, cuja compreensibilidade é inata e cuja clareza ultrapassa até mesmo a do mundo intuitivo (SCHOPENHAUER, 2003, p. 227-228).

Para Schopenhauer, a música possui um aspecto de linguagem direta e universal da Vontade, da essência do mundo, do seu em-si, e não necessita da mediação da Ideia como as demais artes para se estruturar, “justamente por isso o efeito da música é tão mais poderoso e penetrante que o das outras artes, já que estas falam apenas de sombras, enquanto aquela fala da essência” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 338-339), do ser. Neste sentido a música possui um primado sobre as outras belas artes, e pode ser compreendida de modo ontológico, para além do mundo intuitivo.

Schopenhauer entende de forma clara essa singularidade e superioridade que a arte musical possui, bem como, todo seu poder e capacidade de ir além da aparência. Para ele, a música seria a própria Vontade, a nos revelar a essência íntima do mundo, através de sua melodia. A música nos comunica o em-si das coisas; a arte dos sons possui “um significado muito mais sério e profundo, relacionado com a essência mais íntima do mundo e de nós mesmos” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 103), o que leva o homem a ir além dos limites da sua individualidade, de forma a entender e reconhecer na música a sua essência.

Devemos ressaltar ainda que, para Schopenhauer, a música não expressa um sentimento particular, ela não considera o fenômeno e sim sua essência. Desta maneira e, lançando mão de exemplos, podemos inferir que, nas composições de melodia rápida e alegre, há um sentimento de intensa euforia, e enquanto nas melodias lentas e tristes, há um estado de sentimento puramente melancólico, porém em ambos os casos, independentemente do fenômeno que ali se apresentou na música a essência sempre esteve presente.

[...] a música nunca expressa o fenômeno, mas unicamente a essência íntima, o em-si de todos eles, a Vontade mesma. A música exprime [...] não esta ou aquela alegria singular e determinada, esta ou aquela aflição, ou dor, ou espanto, ou júbilo, ou regozijo, ou tranqüilidade de ânimo, mas eles MESMOS, isto é, a Alegria, a Aflição, a Dor, o Espanto, o Júbilo, o Regozijo, a Tranqüilidade de Ânimo, em certa medida *in abstracto*, o essencial deles, sem acessórios, portanto também sem os seus motivos. E no entanto a compreendermos perfeitamente nessa quintessência purificada (SCHOPENHAUER, 2005, p. 343).

Schopenhauer reconhece ainda a existência de um paralelismo entre música e ideia, pois ambas se apresentam como níveis de objetivação da Vontade, a nos fornece a essência do em-si do mundo. Entretanto ele compreende a música como intrínseca ao ser humano, e reconhece nela uma universalidade de comunicação mais direta e profunda do que a da ideia, pois a arte dos sons "produz todos os graus de objetivação da Vontade, constituindo-se num análogo do mundo" (BARBOZA, 2003, p. 42).

Para Schopenhauer, a música pode ainda ser comparada a própria filosofia, na medida em que torna cognoscível o núcleo metafísico do mundo, exprimindo as emoções da própria vontade, através de seus tons. Nesse sentido Schopenhauer afirma "*musica est exercitium metaphysices occultum nescientis se philosophari animi*"<sup>3</sup> (SCHOPENHAUER, 2005, p. 347). A música é por excelência a arte que nos leva a verdadeira natureza do mundo o que nos inspira ao verdadeiro filosofar, ela é a mais profunda das artes.

---

3 "Música é um exercício oculto de metafísica no qual a mente não sabe que está filosofando".



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao fim de nossa exposição, acreditamos ter evidenciado o discurso teórico que possibilitou Arthur Schopenhauer realizar sua concepção filosófica de arte. Pois na ótica schopenhaueriana, o efeito que as manifestações artísticas causam na criação e modificação da identidade do sujeito cognoscente no mundo, bem como, a contemplação desinteressada da Ideia seriam a chave que possibilita o homem torna sua trágica existência suportável e plena de significado. Uma superação mesmo que momentânea de toda dor e sofrimento da vida só é possível ao sujeito no estado de pura contemplação artística, pois é na pura contemplação de uma obra de arte, que o sujeito cognoscente adquire um profundo entendimento e conhecimento do mundo, e conseqüentemente dele mesmo.

Nesse sentido, em nossa pesquisa, para chegarmos ao objetivo que nos propusemos, foi preciso antes de tudo, explicitar os pressupostos conceituais que nos possibilitaram compreender a filosofia de Arthur Schopenhauer, estes que permeiam toda sua obra principal *O mundo como vontade e como representação*, a saber, a perspectiva dupla de conhecimento do mundo vista por ele. O mundo é de um lado totalmente Representação, a realidade dos fenômenos conhecidos pelo sujeito, relação primordial entre sujeito e objeto, através das intuições ordenadas pelo espaço e tempo providos da causalidade. Por outro lado, o mundo foi visto como Vontade, ou seja, o mundo em sua essência, o enigma que move o mundo, ímpeto cego da humanidade responsável por toda dor e sofrimento do homem.

Após termos demonstrado na primeira sessão de nossa pesquisa os pressupostos necessários para se compreender a filosofia de Schopenhauer, entendemos e evidenciamos como Schopenhauer observa o belo relacionado às ideias no sentido platônico, como formas universais da representação na objetivação artística, através da contemplação estética, o que torna o indivíduo sujeito puro do conhecimento, o levando a um estado de exceção diante da Vontade que o rege. Abordamos também a questão do gênio e sua capacidade puramente objetiva, isto é, sua fluidez em relação à produção de obras de artes geniais.

Apresentamos também a relação entre a vontade e as belas artes, ordenadas de modo hierárquico do nível inferior ao nível superior, a saber, arquitetura e hidráulica, jardinagem, pintura de paisagens, pintura e esculturas de animais, pintura histórica, escultura humana e, finalmente a poesia que tem no gênero da tragédia seu ápice, pois expõe com propriedade o que o mundo é, ou seja, dor e sofrimento. Ficou evidente também, o sentido e importância que a metafísica da música possui na filosofia estética schopenhaueriana. Schopenhauer coloca a arte dos tons além de todas as outras belas manifestações artísticas, isto é, ele a coloca em situação

de primazia ante as outras belas artes. A música é o único domínio artístico constituído pelo gênio, que se assemelha a uma linguagem universal. A música fala a linguagem direta do em-si do mundo.

A arte no sentido que expõe Schopenhauer leva o homem a um engrandecimento de sua própria existência, no sentido de livrá-lo momentaneamente dos infortúnios e dores causados pelo domínio da Vontade, pois o sujeito que contempla uma bela obra de arte não apenas reconhece um belo objeto rico em detalhes, mas sim contempla a beleza em sua essência. Na arte o gênio expõe sua maestria; com seu conhecimento de exceção fornece a chave mestra para a compreensão da existência, ofertando um alento as dores e sofrimentos do indivíduo na vida.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARBOSA, J. **A metafísica do Belo de Arthur Schopenhauer**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- JANAWAY, C. **Schopenhauer**. São Paulo: Loyola, 2003.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1994.
- KESTERING, J. C. **Schopenhauer. A arte como conhecimento de exceção**. Revista Lampejo. 1 semestre de 2015. Fortaleza: Vol 1 - N.7, p. 1 - 27.
- LEFRANC, J. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MACHADO, R. **O Nascimento do trágico de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: UNESP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Metafísica do Belo**. São Paulo: UNESP, 2003.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe, Maria Anunciada Domingos da Silva, pelo apoio durante a caminhada em direção a minha formação acadêmica e, por sua dedicação incansável para comigo na vida. Ao meu irmão, Klymeryson Domingos da Silva, por todo incentivo e amizade, bem como pelo auxílio no aprimoramento desse trabalho. A cada um dos professores e professoras que me possibilitaram novos aprendizados, em especial ao Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, por toda orientação ao longo dessa pesquisa: através de suas aulas ministradas com maestria inspirou-me a imergir na filosofia de Arthur Schopenhauer.

De maneira singela e sincera agradeço a todos!